

# ORIGENS E OCUPAÇÃO DO LOTEAMENTO QUARTA-FEIRA: UM ESTUDO SOBRE A SUA RELEVÂNCIA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO DE CUIABÁ (1968-1990)

---

CARVALHO, Jucineith G. E. S. V. de (IFMT-UFSCar)<sup>1</sup>  
[jucineith.2013@gmail.com](mailto:jucineith.2013@gmail.com)

O recorte de estudo, ora apresentado, procurou analisar o conjunto de fatores históricos e socioculturais que levaram ao processo de ocupação e organização espacial do bairro Quarta Feira, que atualmente se denomina bairro Alvorada, no período de 1968-1990, em Cuiabá. Pretendeu-se ainda, nesta perspectiva analítica, evidenciar e relacionar os fatores detectados sobre a ocupação do Quarta Feira à intensa ampliação urbana sofrida pela cidade de Cuiabá a partir da segunda metade do século XX, mais especificamente, nas décadas de 1980 e 1990.

Percebeu-se no período em destaque, que a cidade passou a vivenciar a formação de um pujante aglomerado urbano<sup>2</sup>, em direção às áreas mais distantes do centro histórico e comercial<sup>3</sup>. No mesmo período, segundo afirma TORRES “desencadeia-se um forte movimento de ocupação do solo urbano na periferia de Cuiabá, e, alguns bairros vão sendo

---

<sup>1</sup> CARVALHO, Jucineith G. E. S. V. de. Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos UFSCar. Docente efetiva do Instituto Federal de Mato Grosso – IFMT.

<sup>2</sup> O relatório UFMT: estudos básicos para o planejamento geral de Cuiabá, mód. V: população de Cuiabá - análise da dinâmica demográfica descreve que o processo de urbanização é uma característica normal das regiões em desenvolvimento, cuja principal particularidade refere-se ao papel que esta cidade assume como pólo receptor de migrantes oriundos de outras Unidades da Federação ou expulsos do meio rural do próprio Estado, associado a uma oferta de emprego urbano diminuta.p.18.

<sup>3</sup> Numa referência à área inserida no centro histórico de Cuiabá, conforme Volpato: “ a Freguesia da Sé compreendia todo o núcleo central da cidade, em sua jurisdição ficavam os principais prédios públicos: igrejas e logradouros. O largo da Sé ou da Matriz situava-se em frente a igreja e defronte a ele, do outro lado, a casa da Câmara, com a cadeia no andar térreo. Ao lado esquerdo da matriz estava o largo do Palácio, em frente ao Prédio que abrigava a residência dos presidentes de Província e a sede do governo Provincial. Além da matriz, da casa da Câmara e do Palácio do Governo, ainda se localizavam, nesses dois largos, os prédios da Tesouraria, do Correio, do comando das armas”.Cf. [VOLPATO, 1993, p. 27.].

criados a partir dessas ocupações, consideradas ilegais”<sup>4</sup>. A autora constata que tais ocupações perpassavam pelo âmbito de movimentos sociais, e que, estes envolviam políticos e partidos, bem como a participação de grupos representantes da Associação de Moradores e da Igreja católica.

O enfoque deste estudo, ao perpassar pela análise da constituição urbana de Cuiabá, elegeu como categoria de análise o movimento das Associações de bairros, desencadeador de intensas invasões e ocupações de diversos loteamentos da cidade, mais intensamente ao longo das décadas de 1960 a 1990. Ressalte-se no entanto, que esta prática de invasões e ocupações, ainda na atualidade é bastante difundida como elemento redefinidor e modelador da paisagem urbana da cidade.

A opção por um estudo de caso acerca do processo de ocupação do bairro/loteamento Quarta-Feira, deveu-se a algumas particularidades que caracterizaram sua relevância geográfica no quadro de expansão urbana da cidade no período de 1960-1990. Segundo levantamentos sobre a formação dos bairros, o Quarta Feira é considerado a primeira ocupação ilegal urbana de Cuiabá.

No referido loteamento, a denominação popular, que oficialmente é transcrita como “alcunha”, encontra explicação em pelo menos três versões populares:

- Por abrigar em sua área física o córrego Quarta Feira.;
- Pelo antigo costume das mulheres da comunidade reunirem-se às quartas-feiras para lavar roupas e colocar a conversa em dia;
- Por marcar uma ocupação em massa ocorrida no loteamento em 1985, num dia de quarta-feira.

Uma outra particularidade instigante refere-se à constituição de um paradoxo, uma vez que toda a formação do bairro é permeada por lutas e movimentos sociais, mas, ao mesmo tempo, carrega em seu bojo a ilegalidade fundiária, já que, formalmente, não houve desapropriação total da área ocupada e a documentação desta não está em nome das famílias que a habitam.

---

<sup>4</sup>A pesquisadora em referência analisa que o povoamento territorial recente da cidade de Cuiabá não foi ainda devidamente estudado. Entretanto, “os dados mais aparentes, como a migração interbairros, o aumento das áreas de baixa renda e o perfil da distribuição da renda, parecem caracterizar um processo de crescente empobrecimento decorrente da espoliação urbana”. Cf. [TORRES, 1992, p. 206.]

As investigações preliminares realizadas naquele bairro, revelaram que o seu quadro de ocupação efetiva se dá a partir de 1968, originando então diversos momentos de tensões e mobilizações sociais em prol do uso e da legalização do solo urbano para moradia de populações de baixa renda. Considerando alguns relatos de ex- líderes da Associação de Moradores, a análise da ocupação pode ser compreendida em dois momentos: a primeira fase entre 1968 a 1984, esse período inseriu uma desapropriação parcial ocorrida em 1976. A segunda fase compreendeu o período de 1985 a 1990.

Segundo os depoimentos levantados, a primeira fase de ocupação caracterizou-se como um sistema natural de povoamento, ou seja, as pessoas foram chegando à medida em que eram convidadas pelos moradores que ali estavam ou ficavam sabendo de uma certa terra disponível à moradia, nos arredores da cidade.

De acordo com depoimentos de ex-Presidentes da Associação de Moradores, os primeiros grupos humanos que se dirigiam para aquela área eram oriundos da zona rural de Cuiabá e também de municípios circunvizinhos<sup>5</sup>. Tais grupos compartilhavam entre si o fato de serem vitimados pela espoliação e demais efeitos da apropriação da terra pelo capital, mais intensamente pela propagação e materialização dos propósitos do Estatuto da Terra, promulgado em 1964<sup>6</sup>. Nesta fase, ocorreu também uma significativa desapropriação por meio de decreto, com vistas à construção do terminal rodoviário e da rodovia de acesso à chapada dos Guimarães, o que será mais detalhadamente abordado no decorrer do trabalho.

A partir de 1985, os movimentos de ocupação vão se tornando menos frequentes, ao passo que, por outro lado, intensificam-se os movimentos pela regularização judicial das áreas ocupadas. Revelou-se nesse momento, uma outra característica que fortalece a importância e a necessidade do estudo da ocupação do Quarta Feira, pois, intensificaram-se também os desdobramentos dos movimentos sociais.

A princípio, o conjunto das mobilizações abarcaram a questão do local de moradia, ou seja, do uso físico do solo urbano, mas, posteriormente, revelaram outras mobilizações por infraestrutura urbana, escola, saúde popular, e, principalmente pelo direito de permanecer no

---

<sup>5</sup> Professor José Sebastião, morador-fundador do Loteamento e bairro Quarta-Feira desde 1965, ex- Presidente da Associação de Moradores no período de 1989-1991 e Professora Dineva Vanuzzi, moradora do loteamento Quarta-Feira no período de 1981 a 1989 e ex-Presidente da Associação de moradores no período de 1987-1989.

<sup>6</sup> Durante o período militar no Brasil (1964-1985), ocorre a regulamentação do Estatuto da Terra, aprovado pela Lei nº 4.504 em 30/11/1964, o qual previa a revisão da estrutura fundiária e propunha a reforma agrária no Brasil. [GUIMARÃES, 1979, p. 288].

local “conquistado”, que até a atualidade, traduz-se na bandeira de luta da população que habita o bairro. TORRES descreve que:

O emprego das expressões movimentos de periferias urbanas ou movimentos populares urbanos delimitam o campo de abrangência de seu estudo aos movimentos que se originam nos bairros de periferia urbana e que, por isso, possuem duas características típicas: a de estarem ligados fundamentalmente á demanda de bens de consumo coletivo e a de possuírem uma base social predominantemente popular. Os movimentos das camadas populares confrontam-se com as estruturas de poder, na tentativa de obter serviços ou bens aos quais não têm acesso.<sup>7</sup>

Buscou-se investigar a natureza e a importância desses movimentos para a construção da Associação de Moradores e articulação de seus membros, mediante a necessidade de regulamentação fundiária do bairro. Procurou-se analisar de que forma as mobilizações sociais se encaminharam para o atual desdobramento que hoje enfoca a luta pela posse definitiva da terra urbana e dos bens nela construídos.

A partir do estudo realizado acerca da formação urbana de Cuiabá até 1960, buscou-se também em linhas gerais, analisar no contexto, as estratégias de formação, ocupação e fundação dos bairros periféricos em Cuiabá ao longo das décadas de 1960 a 1990.

O universo mais específico da pesquisa, encaminhando-se para um aprofundamento nos movimentos sociais que desencadearam a ocupação do loteamento Quarta Feira, tiveram por objetivo:

- Analisar a forma de ocupação do bairro, bem como, a dinâmica dos seus movimentos sociais;
- Refletir sobre as origens do bairro Quarta-Feira com vistas a demonstrar como o referido bairro participou das transformações urbanas da cidade de Cuiabá;
- Analisar como essa população ocupante se relaciona com a questão da ilegalidade fundiária, logo após a ocupação do bairro;
- Reconstituir, segundo a narrativa da memória dos proprietários iniciais da área, o contexto que envolveu a ocupação do loteamento.

A referida análise respalda-se no levantamento de fontes orais e análise documental, através dos depoimentos de moradores que participaram das referidas etapas de ocupação.. E,

---

<sup>7</sup> Cf. TORRES, Artemis Augusta da Mota. *Mobilização popular por escola e consciência política: o caso do bairro Bela Vista*. Barcelona, 1992. (Tese Doutoral) – Departamento de Pedagogia I Didactica, Universidade Autônoma de Barcelona. p.02.

neste sentido, a presente pesquisa visa uma leitura das histórias pessoais ou de grupos que vivenciaram experiências comuns, e que se podem revelar através da história oral.

O emprego desse aparato metodológico teve como suporte principal a reconstituição da memória de um grupo social e o entrecruzamento destas falas com as fontes documentais. A esse respeito MEIHY assim afirma:

... além de mexer no conceito de personagem histórico, a história oral também trabalha com a questão do cotidiano, evidenciando que a história dos cidadãos comuns é trilhada em uma rotina explicada na lógica da vida coletiva de gerações que vivem no presente.<sup>8</sup>

O referido autor define estes grupos como colônias, considerando os padrões gerais da sua comunidade de destino, isto é, dados preponderantes que ligam a trajetória de pessoas entrevistadas e que posteriormente formam a rede.

Ainda no campo das memórias coletivas e/ou das experiências comuns vividas por grupos humanos, LE GOFF afirma que:

a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.<sup>9</sup>

Na concepção deste autor, a busca pela memória coletiva impõe-se como uma forma de retomada de um objeto de poder pelos grupos organizados em sociedades. Neste entendimento, são ações que implicam recompor histórias individuais e coletivas, considerando as vivências e experiências comuns, num esforço para transitar entre o local e global, buscando compreender o contexto macro a partir de dados recortes que têm o poder de reelaborar um modo de viver e de conceber o mundo.

Dessa forma, LE GOFF recomenda e enfatiza sua escrita, uma vez que, as ferramentas utilizadas pela história oral permitem transformar os registros orais em memória coletiva escrita, que, sob sua ótica permitem que melhor se compreenda a luta pela conservação da recordação e da tradição nas manifestações da memória.

---

<sup>8</sup> Cf. MEIHY, José Carlos B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola. 1998. p. 15.

<sup>9</sup> LE GOFF, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 474-476. O referido autor esclarece que a história oral nascida nos Estados Unidos entre os anos de 1952 e 1959 é um dos principais resultados e uma brilhante renovação da história social e, antes de mais, da história operária, através de uma tomada de consciência do passado industrial, urbano e operário da maior parte da população.

A respeito da importância e relevância das reconstituições da memória individual e coletiva, BOSI assim se refere:

A memória das sociedades antigas apoiava-se na estabilidade espacial e na confiança em que os seres da nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas e certos objetos biográficos (versus objeto de consumo)... Este tópico referia-se a povos primitivos, mas estávamos nos referindo também a nós mesmos. Há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Esse relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência.<sup>10</sup>

A autora infere que todo agrupamento humano reconstrói um espaço, deixa marcas e pistas que possibilitam o desvendamento das formas de vida coletiva ali organizadas, bem como do tipo de vivência protagonizado pelas pessoas. A memória, nesse ponto de vista se expressa através da oralidade e da sutileza impressa na construção da narrativa, que por sua vez é elaborada através do depoimento e dos valores que os fatos, os objetos e as coisas assumem para os grupos investigados.

POLLACK<sup>11</sup> citado por FÉLIX desenvolveu reflexões importantes cuja contribuição maior reside no estudo das memórias subterrâneas. Examinou, nessas, o caso das memórias de minorias, de excluídos e marginalizados, bem como a clivagem entre memória oficial dominante e memórias subterrâneas. Para FÉLIX:

no campo da memória não é o físico ou territorial que permite a existência do grupo, e sim, a dimensão do pertencimento social, criado por laços afetivos que mantêm a vida e o vivido nas lembranças comuns, geradora de uma memória social<sup>12</sup>.

Os pontos discutidos pela citada autora criam trajetórias que permitem associar a identidade (do objeto estudado) com os espaços, pois, nas lembranças de lugares e de objetos trazidos na memória, organizam-se os referenciais identificáveis. Nesse caso, no grupo analisado enquanto houver laços afetivos e sociais de identidade, há possibilidades de

---

<sup>10</sup> BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1987. p. 366 e 370.

<sup>11</sup> POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro: Rev. Estudos Históricos. V.2. n° 3, 1989. p. 3-15.

<sup>12</sup> FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Edupf, 1998. p.42.

reconstrução de memórias, especialmente, porque quem desaparece na experiência coletiva é o indivíduo e não o grupo.

A questão que aborda as diferenças entre história e memória tem se estabelecido como ponto central nos debates acerca da história oral. Desse modo, é relevante compreender a importância da inter-relação entre os depoimentos coletados e as fontes impressas, que devem ser consideradas no momento da análise interpretativa, da dissecação e da construção de um ponto de vista histórico. Quanto a possibilidade que se coloca ao pesquisador em trilhar tal senda, MONTENEGRO esclarece que:

A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo da descoberta de outros documentos ou fontes... a história opera sempre com o que está dito, com o que é colocado para e pela sociedade, em algum momento, em algum lugar. Desses elementos, o historiador constrói sua narrativa, sua versão, seu mosaico. Este fato evidente se apresenta bastante distinto do que foi vivido; no entanto, ele se ancora nos elementos resgatados da realidade, em outras histórias já produzidas.<sup>13</sup>

Ao tecer os caminhos metodológicos, tais autores abordam e inserem conceitos e esclarecimentos acerca da história oral, do uso, manuseio, leitura e interpretação das fontes documentais no exercício da construção historiográfica. E, desse modo, no decorrer da elaboração deste trabalho, considerou-se como eixo norteador principal o entrecruzamento das informações relatadas pelos depoentes com as fontes documentais existentes sobre a temática. Assim, procurou-se detectar sobre quais formas o fenômeno estudado, ou seja, a ocupação do loteamento/bairro Quarta Feira, estruturou-se na abordagem da historicidade da capital do Estado, no mesmo período.

Para tanto, as fontes documentais identificadas e arroladas no âmbito do bairro foram os Livros-ata e os jornais elaborados e distribuídos pela Associação de Moradores, bem como, os periódicos de circulação na cidade de Cuiabá à época. Nos Livros-ata números 1, 2 e 3 há registros das reuniões realizadas pelos moradores do bairro desde a fundação da Associação até o ano de 2002. O livro número um abrange o período de 03/08/1980 a 15/04/1983, o livro número dois abrange o período de 12/01/1983 à 15/11/1999 e registra uma lacuna entre

---

<sup>13</sup> MONTENEGRO, Antonio T. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994. p.19.

02/11/1984 e 25/01/1986. O livro-ata número três inicia-se em 18/11/1999 e ainda não apresenta data de encerramento.

Quanto aos periódicos elaborados pelos moradores no bairro, foram localizados os seguintes boletins assim listados:

- Boletins do Movimento Popular de Saúde, referentes aos anos de 1988, 1989 e 1991. Os referidos boletins divulgam os relatos dos encontros do grupo de saúde popular com a comunidade instalada no Bairro, convocam a população para o engajamento em campanhas de limpeza e higienização do bairro, articulam também os encontros dos representantes da associação de moradores com as autoridades, elaborando as pautas de reivindicações na área de saúde popular.

- Boletins *Projeto Político Pedagógico e Luta e vitória* da Escola Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. O Projeto Político Pedagógico da Escola Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon é o resultado de uma coleta de dados que a referida Escola aplicou à população, sistematizou e emprega nas ações pedagógicas. O segundo foi divulgado para demonstrar as conquistas da Escola no âmbito das relações com a comunidade. E ainda, o boletim Mosaico Cuiabano<sup>14</sup>, que relata uma *Pequena história dos bairros de Cuiabá*.

Foram levantadas as fontes referentes aos periódicos elaborados pela PREFEITURA MUNICIPAL DE CUIABÁ, que por sua vez, divulgam os estudos urbanos sobre o crescimento da população e dos aspectos físicos da cidade. Desse modo, perscrutamos os documentos: *Anuário estatístico de Cuiabá* de 1998; *Dados preliminares do censo demográfico de Cuiabá -2000*; *Perfil da renda da população cuiabana – relatório final*, mód. IV de 1998 e ainda a *Coletânea de dados urbanísticos por região administrativa de Cuiabá* do ano de 1994.

Outra fonte manuseada foi a Carta Aberta à População Cuiabana e ao Governador de Mato Grosso, elaborada pelos Moradores do bairro Alvorada. O referido documento constituiu-se em um apelo da associação de moradores ao Governo para que este tratasse da regularização fundiária do bairro em estudo e também fizesse as obras de saneamento essenciais para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

---

<sup>14</sup> O Mosaico Cuiabano é um estudo realizado pelos alunos do Colégio Máster, sob a orientação do Prof. Pedro Félix, acerca da história inicial do bairro Alvorada e de seus aspectos gerais na atualidade e apresenta informações interessantes sobre bairros da capital.

No que se refere ao levantamento de matérias publicadas em periódicos da imprensa local, foram consultados os seguintes Jornais: o Estado de Mato Grosso; o Diário de Cuiabá; a Gazeta e a Folha do Estado.

Quanto às Leis Municipais que diretamente influenciaram e influenciam a organização do loteamento ocupado, foram selecionadas as leis referentes às áreas urbanas e aos limites dos bairros, tais como: Lei Municipal número 1.537, de 25 de abril de 1978, que delimita as áreas urbanas e de expansão urbana do município de Cuiabá e dá outras providências e ainda, a Lei municipal número 3123 de 23/12/1997, que estabelece a área e os limites dos bairros da cidade de Cuiabá.

Neste estudo, buscou-se elaborar inicialmente, uma síntese sobre a configuração e expansão urbana de Cuiabá até 1960, procurando localizar e enfocar a sua inserção na política brasileira de modernização que, por conseguinte, definiu o modelo de urbanização do país, ou seja, da passagem de uma sociedade agrária e rural para uma sociedade urbana e industrial.

Sequencialmente, o estudo dirigiu-se à constituição de bairros periféricos em Cuiabá, permitindo-se então, refletir sobre as origens do Quarta Feira, buscando demonstrar de que forma este bairro participou das transformações urbanas da cidade.

Estudos preliminares sobre o bairro Quarta Feira demonstraram que o referido loteamento constituiu-se na primeira e significativa ocupação urbana da capital, e nesse sentido, contribuiu para a elaboração de conceitos e pontos de vista dos ocupantes (invasores) sobre a ocupação, e também, da população citadina sobre o ato da ocupação, possibilitando desse modo que fossem traçadas as características dos ocupantes pela população local.

Essa particularidade trazia consigo uma imagem estigmatizada do ocupante, popularmente, os ocupantes eram vistos como pessoas desordeiras e baderneiras. Portanto, tais conceitos eram na maioria dos casos, propagados de forma preconceituosa, simulava-se aí uma espécie de reação da população local contra a ocupação, julgando indevido o uso e apropriação de “seu” espaço, que aparentemente era entendido como físico, mas que abarcava os campos socioeconômico e cultural.

Um exemplo disto, foi o emprego corriqueiro do termo “pau-rodado” para se referir às pessoas que vinham ocupar as terras cuiabanas (migrantes) e, por extensão, as terras mato-grossenses.

Num movimento em zig-zag entre a obscuridade e a iluminação, entre o desconhecer e o conhecer, aos poucos, no decorrer da coleta de dados, os depoimentos foram rompendo os obstáculos, as pessoas protagonistas se dispuseram a contribuir e a desvendar um tempo vivido, disponibilizando-se para tanto, a adentrar em si mesmos.

Este processo é muito doloroso, isto porque “remexer” na memória implica também fazer emergir do esquecimento uma gama de sentimentos associados às lembranças de cada um. De certa maneira, é pisar num campo minado, onde a curiosidade e a necessidade do pesquisador se confrontam constantemente com o limite do outro, ou seja, do entrevistado. Constatamos que há uma sutil linha tênue entre o que é possível e o que não pode ser remexido, a invasão desautorizada do mundo ou dos limites do outro podem comprometer a pesquisa.

No caso do Quarta Feira, percebemos que um dos pontos mais cruciais foi justamente falar da invasão, embora a colônia entrevistada tenha admitido participação no movimento, entretanto, nenhum dos entrevistados demonstrou-se na condição de invasor e/ou ocupante, mas sim, como um proprietário urbano em busca de regularização e totalmente externo à dimensão da ilegalidade. Talvez, esta postura possa ser explicada pelo estigma que este ato carrega no contexto da sociedade organizada, ou ainda, pela assimilação do ocupante quanto à (re) construção da realidade da ocupação sob o ponto de vista do movimento social realizado pelo direito a moradia.

Segundo o representante dos proprietários iniciais da área, inclusive com documentos comprobatórios, conforme anexos, o loteamento Senhor dos Passos, no qual se inseriu inicialmente a área do Quarta-Feira, e que atualmente, pela Lei Municipal 3.123 de 23/12/1997, insere-se no bairro Alvorada, foi o loteamento registrado sob o nº 1, datado de 10 de março de 1952, no Cartório de registro geral de imóveis da cidade, consideramos como um marco oficial no trajeto histórico da cidade e sua configuração física em relação ao uso e propriedade do solo urbano. Pois, a capital hoje com quase três séculos de fundação, causa estranhamento que tal registro urbano, o primeiro, tenha ocorrido apenas na década de 1950, o que reflete a falta de uma política oficial de direcionamento e legalidade no plano urbano da cidade.

Na concepção do proprietário (o oficial), a desapropriação de parte da área, ocorrida em 1976, para a construção do terminal rodoviário foi um elemento de motivação à ocupação

em massa e incontrolável que se deu no bairro, gerando um problema insolúvel, denominado por ele como um “câncer social” que se arrasta na justiça há mais de trinta anos. Temos também que considerar neste aspecto, a falta de vontade política dos Governantes, pois, uma das características dos habitantes do Quarta Feira é a determinação, união e mobilização em torno de seus objetivos, e mesmo assim, a solução ainda parece distante.

Ao perscrutar acerca dos aspectos jurídicos que envolvem o caso, observou-se um emaranhado de direitos que se alternam e se sobrepõem, favoráveis em alguns aspectos para o proprietário e em muitos outros para os ocupantes, principalmente a lei disposta no recente Estatuto da Cidade. Não se adentrou profundamente neste campo, pois cresce a complexidade quanto ao exercício do Direito e por si só constituiria-se quem sabe, em outro trabalho. Entretanto, julga-se importante apontar tal complexidade.

O traçado urbano da cidade de Cuiabá, no período estudado e delimitado nesta pesquisa (1968-1990), foi marcado por uma grande expansão associada à implantação do discurso de modernidade no Estado de Mato Grosso, seguindo uma tendência nacional.

Ao longo dos mais de trinta anos decorridos, ocorreram vários deslocamentos populacionais inter-bairros, o que evidencia, na ótica urbana, influências diretas do que chamamos agentes transformadores do espaço, especialmente, aqueles que desencadeiam a especulação e a expropriação, dentre estes, os especuladores e o Estado. Este último, apresentando-se de modo incoerente e parcial perante a resolução das questões, mas desapropriando mediante interesses políticos da classe dominante. Um exemplo deste reflexo no lócus investigado, decorre da doação de terras particulares por parte de um Governante a diversas empresas que se instalaram próximo ao terminal rodoviário.

Outro aspecto relevante levantado durante a realização da pesquisa, revelou-se na relação estabelecida entre as pessoas que habitavam o lugar desde o início, no modo como conduziam seus papéis sociais no interior da comunidade, na forma como se constituía a liderança, no caso de Mãe Preta e seus “poderes mágicos”. Dona Nhara, que recebeu como homenagem, o nome da creche municipal por ter criado onze filhos que não eram seus filhos naturais e à custa de lavagem de roupas no Córrego Quarta-Feira.

Mais recentemente, Irmã Dineva e a Professora Maria Cecília, respectivamente ex e atual presidente da associação de moradores, ambas de característica combativa, e, dotadas da

*sensibilidade de dar voz aos vencidos*<sup>15</sup>, o que demonstra ainda, uma forte presença feminina na linha de frente de organização do movimento, tanto de ocupação, quanto de busca por infra-estrutura e maior qualidade de vida no bairro.

Ainda no decorrer do período estudado, percebeu-se no traçado urbano da cidade, uma característica resultante da influência da ocupação do loteamento Quarta-Feira, a formação de um novo eixo de crescimento e assentamento populacional, motivado pela construção do terminal rodoviário, o que culminou com o surgimento de bairros como: Bordas da Chapada, Rodoviária Parque, Paiaguás, Lixão, Chácara, etc.

Os barracos do Quarta Feira que foram erguidos ao longo da atual avenida Marechal Deodoro e Monte Líbano referenciavam um marco geográfico urbano, um limite físico e de cunho intrínseco à subjetividade humana entre a miséria e a imponência progressista, pois materializavam de um lado, a pobreza que contrastava com a ideia de progresso, visualizada na construção da avenida e do terminal rodoviário

Estas e muitas outras estratégias comunitárias, vêm demonstrar que o sistema político do país, não diferentemente em Cuiabá, costuma relegar à própria sorte cidadãos desprovidos de meios econômicos suficientes à promoção de sua autonomia no interior da sociedade organizada. Normalmente, condena-os a viver como cidadãos de segunda categoria, cujos direitos são constantemente postergados sem qualquer cerimônia por parte do Estado e dos poderes constituídos.

A configuração urbana da capital mato-grossense desencadeada por interesses governamentais, refletiu todo um conjunto de necessidades sociais latentes, especialmente no decorrer das décadas de 1970 e 1980, sobre este aspecto, VILARINHO NETO assim relata:

Cuiabá, não fugindo à regra do processo de crescimento que envolve as cidades brasileiras, nos últimos anos, enfrenta também, o problema das favelas, fenômeno atribuído na sua maior parte, à propaganda do Governo Federal para a ocupação da Amazônia e também a afirmação do Governo Estadual de que o “Mato Grosso é o celeiro do Brasil”. Estas propagandas (ideologia capitalista) intensificam o processo de migração para a região, tanto de pessoas de alto poder aquisitivo à procura de

---

<sup>15</sup> Termo empregado por POLLACK, referindo-se a camada marginalizada das minorias que não são contempladas intensamente nos estudos históricos sobre a sociedade, citou como exemplo, o estudo da história dos aidéticos em diferentes lugares do mundo. Contemporizando a reflexão, trazendo a este contexto estudado, entendemos que, dar voz aos vencidos refere-se a ajuda constante às pessoas menos privilegiadas pelo poder econômico, pessoas pobres, doentes e na maioria das vezes desprovidas de nenhum ou quase nenhum recurso.

grandes áreas territoriais para estabelecerem seus latifúndios, como de famílias de baixa renda à procura de um “pedaço de terra” para a sua sobrevivência<sup>16</sup>.

O espaço urbano de Cuiabá, no período compreendido entre as décadas de 1960 e 1990 apresentou uma ampliação de base territorial típica de grandes centros, resguardando obviamente, alguns aspectos herdados do seu processo inicial de ocupação. Pode-se dizer que a expansão ocorreu no sentido centro-periferia, ou de forma endógena, registrando-se a presença desta tendência na sua constituição urbana, especialmente, no que tange à formação de bairros<sup>17</sup>.

Na relação centro-periferia, deve-se considerar como força motriz, os interesses do Estado e os movimentos populares. Isto porque tais movimentos são gerados por uma série de insatisfações em relação à estrutura de vida dos indivíduos que compõem a camada social menos favorecida, materializados na população urbana.

No tocante ao papel do Estado, tanto em âmbito federal quanto estadual ou municipal, através de diversas experiências de cunho social no país, normalmente estas sempre apresentam-se indisponíveis e ineficazes nas resoluções, em tempo hábil, de problemas de ordem social, agravando-se ainda mais quando se trata do trinômio: educação-saúde-habitação.

Entretanto, para estes poderes instituídos, torna-se mais viável promover a urbanização dos loteamentos periféricos, normalmente ilegais no solo urbano, do que construir habitações melhores estruturadas. Isto porque, implantar água, energia, escolas e grandes centros comunitários, além de re-valorizar as áreas de entorno do centro, caracterizando a especulação imobiliária, também apresentam lucratividade quanto ao acesso a recursos públicos por parte de políticos e dirigentes de caráter duvidoso, promovendo ainda, a constituição de verdadeiros currais eleitorais, que normalmente, dão suporte à permanência e manutenção do poder a políticos descomprometidos com a causa social, especialmente, a dos grupos menos favorecidos.

Segundo os moradores que desencadearam a ocupação do loteamento Quarta Feira, esta se deu porque a terra não tinha dono, ou se havia o dono, não precisava da área tanto quanto eles, pois não tinham onde morar e já havia alguns grupos habitando o local sem

---

<sup>16</sup> VILARINHO NETO, op. cit., p.95.

<sup>17</sup> GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO. *Cuiabá na nova realidade sócio-política do Estado*. Relatório de estudos: 1980. p. 31.

maiores transtornos. Em artigo publicado no Jornal a Gazeta, os moradores entrevistados afirmaram que:

O bairro Alvorada surgiu na década de 1980, resultado de invasão anterior, quando mais de 100 (cem) famílias invadiram a área, que era um descampado de ninguém, naquela época chamava-se Quarta-Feira... a mudança de nome partiu da própria comunidade. Durante o Governo Garcia Neto já havia o projeto de construção do terminal rodoviário da cidade e as famílias que habitavam o local foram transferidas para o Pedregal. Já os invasores remanescentes foram consolidando o bairro, temos três canais de televisão, afirmam os moradores entrevistados e dizem que o maior problema é a falta de regularização fundiária<sup>18</sup>.

A ocupação do Quarta feira, conforme constatou-se nos levantamentos realizados deveu-se a diversos fatores, especialmente àqueles ligados às questões de ordem econômica e social. E dentre estas, a necessidade de emprego a falta de recursos para aquisição de imóvel na cidade, a saída obrigatória da zona rural, uma vez que não eram donos e nem havia recursos para tocar a propriedade e também a migração mal sucedida para o norte mato-grossense.

Enfim, todos estes fatores citados empurravam cada vez mais grupos de pessoas para o Quarta Feira, e, de acordo com os dados levantados sobre tal processo, encontra-se em depoimentos, o que era o sentido da ocupação no ponto de vista dos ocupantes. Dona Maria da Silva, sócia-fundadora da Associação de Moradores e participante ativa dos movimentos sociais no Quarta feira, fez o seguinte relato:

Na época da primeira ocupação tinha o Quarta-feira de baixo e o Quarta-Feira de cima, o pessoal de lá (do Quarta-Feira de cima) foi desapropriado primeiro, a polícia vinha com ordem pra desocupar, nós lutamos, unimos pra não deixar, lá não teve jeito, muita gente foi pro Pedregal, mas aqui nós não deixamos, além de mim, tinha Dineva, Zézinho e muitos moradores e não era um movimento só de lideranças. A gente fazia parte da Associação de moradores e a gente era muito unido, quando tinha aquele esgotão da Rodoviária, quando o Dante era Prefeito, tapamos o esgoto e ele explodiu tudo lá para o lado da Rodoviária e só assim é que a gente conseguiu manilhar o córrego Quarta-Feira até um certo pedaço... Ainda somos carentes de saneamento básico, todo o esgoto da Rodoviária e do Hospital Júlio Muller caem direto no córrego, sem nenhum tratamento<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> A GAZETA. *Alvorada surgiu como resultado de invasão*. Cuiabá:28/04/1998. Aparecem os nomes dos seguintes moradores entrevistados: Eraldo Oliveira Gomes, Sandra Mara da Cruz e Dirce Costa.

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Maria da Silva Monteiro, funcionária da Escola Mal. Rondon, sócia-fundadora da Associação de Moradores, militante dos movimentos realizados em prol do Quarta-Feira.

Vários grupos se organizaram no bairro em ações coordenadas pela Associação de Moradores. Segundo consta no Projeto Político Pedagógico da Escola Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon<sup>20</sup>.

Os encontros, a discussão e a mobilização social dos moradores do Quarta Feira demonstram a sua grande capacidade de organização, revelando a clareza quanto ao seu papel na sociedade e também na busca da plenitude quanto ao exercício da sua cidadania. Para MONTENEGRO “a própria condição de cidadania se adquire no esforço de aprender a fala e todos os códigos sociais que ela tem incluídos”. Seguindo tal concepção, pode-se afirmar que, no espaço de lutas em que se transformou o referido loteamento estiveram e estão presentes o esforço contínuo de seus moradores no sentido de conquistar o reconhecimento da própria dignidade. A propósito de viver com dignidade, vale destacar formas de resistências vividas no bairro a partir das influências de mãe Preta, figura mística local, e de sua relação com o córrego Quarta Feira.

Um aspecto anteriormente citado e que visivelmente contribuiu para o desencadeamento da ocupação do Loteamento Quarta Feira, deu-se em função da existência do Córrego na imediação, haja vista, que apenas o centro histórico da cidade de Cuiabá era servido por água tratada e encanada<sup>21</sup>. Durante o período colonial, as bicas d'água representavam as únicas fontes de água potável às populações que habitavam as áreas mais distantes do rio Cuiabá e Coxipó e de suas respectivas cabeceiras.

Por outro lado, a partir de 1880, a implantação de infraestrutura de tratamento e distribuição de água, não significou garantia de atendimento à grande maioria dos habitantes da cidade, pois, restringiu-se ao centro da capital e portanto, às pessoas de maior poder aquisitivo, sem contar que não abasteciam diretamente as casas, mas construíam-se fontes e bicas com vistas ao atendimento de tal necessidade.

---

<sup>20</sup> A Escola Municipal Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon é a principal Escola pública do bairro com uma média de 800 (oitocentos) alunos matriculados na educação infantil e ensino fundamental, é consideravelmente representativa para a Comunidade e trabalha articulada com a Associação de Moradores.

<sup>21</sup> Luiza Volpato, em sua obra *Cativos do Sertão*, afirma que os escravos de ganho desenvolviam atividades fora da casa de seu Senhor e “dentre as atividades que mais lhe consumiam estavam o abastecimento das casas com água potável. A inexistência de um sistema de encanamento de água até 1880 fez com uma das preocupações principais das residências de Cuiabá fosse seu suprimento diário de água, retirada de uma das sete fontes existentes na cidade, nos córregos ou no rio Cuiabá. Muitos colocavam seus próprios escravos domésticos para executar essa tarefa; outros contratavam escravos de ganho que viviam de baldear água.”[VOLPATO. op. cit. p.140]

Os povoados e posteriormente bairros mais distantes, dependiam de fontes locais (naturais), também conhecidas como “minas” ou “minadouros” e ainda dos córregos próximos que lhes garantiam o suprimento das necessidades básicas relacionadas ao uso da água. O loteamento Quarta Feira pode ser incluído neste último caso.

Nesse enfoque, considera-se a existência de um manancial de água no local, como elemento de atração àqueles que povoaram, resistiram e insistiram em ficar naquela região. Buscamos a partir de então, reflexões que pudessem esclarecer de que forma esse fator influenciou diretamente na organização desse espaço social.

O córrego Quarta-Feira contribuiu sobremaneira para que ocorresse a ocupação inicial da área, pois tratava-se de um fornecedor de água e provedor de atividades econômicas que garantiram a subsistência da população assentada, especialmente porque estes grupos desenvolviam atividades primárias, ligadas ao trabalho braçal, tais como: retirada de cascalho, lavagens de roupa, fabricação de tijolos, etc. A influência de tal elemento hidrográfico esteve presente nas falas dos mais antigos moradores entrevistados.

O fator de união diretamente relacionado a um elemento físico (o córrego), associa também a prática do trabalho como elo de identidade entre os moradores da comunidade estudada. Em comparação ao estudo produzido por MONTENEGRO, ora empregado também como suporte teórico na produção deste, revela a seguinte semelhança:

Um outro fato que as diversas entrevistas começam a evidenciar é que, para muitos e muitos entrevistados, a vida se resume a sua história de vida e trabalho. O mundo é praticamente reduzido a esses dois universos e a própria linguagem do entrevistado aponta para esse fato. As coisas da família, da moradia e a luta em torno desses aspectos, associadas ao fazer do trabalho, são os elementos fundantes de sua narrativa.<sup>22</sup>

Entre as muitas histórias dos diversos atores sociais ligadas à vida cotidiana e ao trabalho, o loteamento Quarta Feira foi desenhando suas linhas físico-geográficas. Caracterizando o início da ocupação, um antigo morador relembra o seu primeiro contato com o lugar de onde tornou-se habitante:

Lá pelos idos de 1968, quando comecei a me entender por gente, cheguei ao Quarta Feira, e como eu e minha família, outras pessoas iam chegando, eram pessoas que

---

<sup>22</sup> MONTENEGRO, op. cit., p. 22.

não tinham nada, que eram parentes ou conhecidas de quem já estava ali. Na época, habitavam o bairro apenas quatro famílias, e, entre estas a que chegou primeiro, Dona Ana Luíza, mais conhecida como Mãe Preta.<sup>23</sup>

Falecida há aproximadamente 12 anos, Dona Ana Luíza, a Mãe Preta é lembrada pelos antigos como mulher enérgica e de grande sabedoria. Mãe Preta assumiu diversas lutas pela implantação de melhorias na estrutura física do Quarta Feira, e, constantemente, era, chamada para “benzer doentes” e opinar sobre problemas corriqueiros do bairro, dentre eles, a presença e o ataque de “tarados”. Mãe Preta reunia-se com outras senhoras da comunidade para lavar roupas todas as quarta feiras, no córrego de mesmo nome, e conta-se que numa certa ocasião, foi chamada a enfrentar um tarado que mostrava suas partes íntimas ao grupo. Mãe Preta, então, ameaçou-o com um enorme facão e disse que se não fosse embora naquele momento, cortaria seu órgão sexual e mergulharia-o em água sanitária, também conhecida por “Cândida ou Ki-boá”.

Nos depoimentos dos moradores selecionados, revelou-se uma forma singular de periodização da vida naquele lugar, que é marcada pela intensificação das lutas travadas durante a sua ocupação inicial (aproximadamente em 1968) e posteriormente em 1985, quando ocorreu uma outra relevante ocupação. Desse modo, esses dois momentos cruciais e todas as suas nuances, compõem a saga de seus habitantes na luta pela conquista do lugar de moradia e até inconscientemente, em defesa da memória coletiva, da conservação do espaço da vida, transformando as experiências comuns, aquelas que transitam entre o mundo individual e o coletivo, numa forma de demarcar o tempo vivido.

Com relação à construção da periodização da vida, CARLOS ressalta que:

Qualquer critério de periodização esbarra no fato de que as narrativas não são marcadas pelo tempo linear; o tempo da vida é o tempo cíclico, em que os momentos se entrecruzam, aparecem de modo comparativo, envolvendo uma simultaneidade de tempos diferenciais sintetizados pela memória. São momentos, lapsos de tempo que não existem sem os lugares, porque a consciência de um momento existe na relação e pela mediação do outro. Nesse processo se revelam os significados dos espaços da vida, aquele da casa, da rua, que apelam para a relação com o outro. As tramas das relações sócioespaciais se constroem e se tecem na vida cotidiana, naquilo que se refere ao plano da vida, do imediato; pessoas, ruas, caminhos;<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Segundo relatos do Prof. José Sebastião, morador-fundador do Quarta-Feira desde 1968, participou do processo de ocupação inicial no referido bairro, foi ex-Presidente da Associação de Moradores 1988-1989.

<sup>24</sup> Cf. CARLOS, op. cit., p. 227.

No decorrer da constituição do bairro Quarta-Feira, Mãe Preta, embora fosse semianalfabeta, possuía grande capacidade de mobilizar pessoas, organizar e liderar movimentos que objetivavam buscar soluções para os problemas vivenciados no bairro em processo de formação, aproximadamente no período compreendido entre 1968 e 1980, quando esta personagem apresentava pleno vigor físico, vindo posteriormente a adoecer e mudar de bairro, e por tal motivo afastar-se das linhas de frente dos movimentos reivindicatórios.

Mãe Preta habitava a área conhecida popularmente como Quarta-Feira de cima, que atualmente abriga o Terminal rodoviário da cidade. Esta personagem caracteriza o marco inicial de nossa investigação na história de lutas que permeiam toda a história do bairro. Mãe Preta mudou-se para o bairro Pedregal juntamente com o grupo que foi desapropriado para que se construísse o referido Terminal.

A influência do Córrego, a sapiência, a credibilidade e o poder de mobilização de Dona Ana Luíza, a Mãe Preta, no cotidiano daquela população em sua gênese de formação urbana, proporcionaram a percepção por esse ângulo, da relação homem e natureza na constituição do referido bairro.

MAUSS, ao considerar um recorte de seus estudos acerca de morfologia social, especialmente no que concerne às diferentes concepções de tempo e espaço dos grupos sociais espalhados pelo globo, assim afirma:

Considerando as sociedades só como grupos de homens organizados em pontos determinados do globo, não cometemos a falta de considerá-los como se fossem independentes de suas bases territoriais; é claro que a configuração do solo, sua riqueza mineral, sua fauna e sua flora afetam-lhes a organização.<sup>25</sup>

Dos pressupostos teóricos de MAUSS às especificidades do objeto investigado no estudo de caso do Quarta Feira, a tomada de posse do território, sua delimitação e povoamento, obedeceram também a uma lógica que perpassa pelos planos simbólico e utilitário, considerando a presença da água como fator fundamental de valorização da terra enquanto bem imóvel e da organização social sobre as terras ocupadas.

---

<sup>25</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974, p. 240

A realização deste trabalho não teve a pretensão de encerrar os estudos acerca da ocupação do loteamento estudado e muito menos pretendeu dar cabo a uma análise tão rica e tão fascinante. Frente aos estudos realizados, constatou-se os seguintes resultados:

- O local constituiu-se na primeira e significativa ocupação urbana da capital, e nesse sentido, contribuiu para a elaboração de conceitos e pontos de vista dos ocupantes (invasores) sobre a ocupação;
- O traçado urbano da cidade de Cuiabá, no período estudado e delimitado nesta pesquisa (1968-1990), foi marcado por uma grande expansão associada à implantação do discurso de modernidade, ao longo dos trinta anos decorridos, ocorreram vários deslocamentos populacionais interbairros;
- Constatou-se uma característica resultante da influência da ocupação do loteamento Quarta Feira, a formação de um novo eixo de crescimento e assentamento populacional, o que referenciava um marco geográfico urbano, visualizada na construção de uma importante avenida e do terminal rodoviário da cidade, atualmente a área é considerada de grande valor enquanto capital imobiliário.

Com a realização da pesquisa foi possível elaborar uma síntese sobre as origens do bairro Quarta Feira, constando que a ocupação do loteamento foi significativa e relevante nas transformações urbanas verificadas na cidade de Cuiabá, de sua configuração e expansão urbana, enfocando a sua inserção na política brasileira de modernização.

O tema desenvolvido também teve o intuito de trazer à tona, por meio das ferramentas de análise social, uma possibilidade de interpretação sociohistórica acerca da configuração da cidade de Cuiabá, no período de 1968 a 1990, emergindo de elementos que auxiliaram o esclarecimento da trajetória do loteamento Quarta Feira no contexto urbano de Cuiabá, que se por sua vez, insere-se no contexto do desenvolvimento urbano das cidades e sociedade latino-americanas a partir de meados do séc. XX.

#### FONTES ORAIS – DEPOIMENTOS

\*Amilton Martins. Ex-Presidente da Associação de Moradores do Bairro Alvorada no período de 31/01/1993 a 18/08/1999. Entrevistado em 22/05/2001.

\*José Sebastião de Arruda Souza. Ex-Presidente da Associação de Moradores do Bairro Alvorada no período de 18/02/1989 a 31/01/1991. Entrevistado no dia 31/05/2001

\*Elizabeth Santos Rosa. Atual Diretora da escola Municipal Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, ocupa posição de destaque na causa vivida pelo bairro, experienciou a ocupação de parte da área da referida Escola em 1985.

\*Dineva Vanuzzi. Ex-Presidenta da Associação de Moradores do Bairro Alvorada no período de 06/02/1987 a 29/1989, participou ativamente do movimento pela não desapropriação dos moradores do bairro. Entrevistada em 20 e 21/11/2001.

\* Leonel Almeida Mesquita. Líder da ocupação de parte da área destinada à construção da quadra da Escola Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Entrevistado em 22/01/2002.

\* Maria Cecília Lucas de Miranda. Atual Presidente da Associação de Moradores do Bairro Alvorada assumiu em 15/11/1999. Participou dos movimentos pela regularização fundiária. Atualmente é a representante do bairro na luta pela referida causa.

## BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade Lembranças de velhos*. São Paulo : Cia. das Letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Os Caminhos da Reflexão Sobre a Cidade e o Urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998

LE GOFF, Jacques. *Memória e História*. Campinas: ed. Unicamp, 1990

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre sazoneiras das sociedades esquimós*, in.: *Sociologia e Antropologia*, vol II, EPU, USP, São Paulo, 1974.

MEIHY, José C. Sebe. *Manual de História Oral*. São Paulo : Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

PERARO, Maria Adenir. *A população de Cuiabá no final do Século XIX, 1871 a 1890, segundo os registros paroquiais (considerações preliminares)*. Cuiabá: 1992. Departamento de História. Universidade Federal de Mato Grosso. (mimeo).

- POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro: 1989. ver. Estudos Históricos. V. 2. nº 3.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CUIABÁ. *Dados demográficos de Cuiabá*. 2000.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, ed. Hucitec 1997.
- TORRES, Artemis Augusta da Mota. *Mobilização popular por escola e consciência política: o caso do bairro Bela Vista*. Barcelona, 1992. (Tese Doutoral) – Departamento de Pedagogia I Didáctica, Universidade Autônoma de Barcelona.
- VILARINHO NETO, Cornélio S. *Projeto cura Cuiabá: um exemplo da intervenção do Estado nas transformações do espaço urbano*. Rio Claro, 1982. Dissertação ( Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de São Paulo.
- VOLPATO, Luiza Rios R. *Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá em 1850-1888*. São Paulo: Marco Zero. Cuiabá: Editora Universidade Federal de Mato Grosso, 1993.